

Condicionantes Sociológicas na Integração do Idoso em Lares da 3ª Idade: Breves Considerações

Maria Margarida Madeira *



A influência dos progressos científico-tecnológicos na organização actual das famílias, aliada ao acentuado envelhecimento demográfico — ele mesmo consequência deste progresso — gerou, na nossa sociedade, a busca de alternativas à falta de disponibilidade das famílias, para atenderem aos seus idosos, passando estas, quase sempre, pelo internamento do idoso numa instituição vocacionada para o efeito: vulgarmente denominadas “Lares de 3ª idade”.

Analisa-se a importância hoje em dia atribuída a estas instituições, como resposta ao aumento crescente dos indivíduos idosos; avançam-se alguns factores que podem condicionar a qualidade de vida do idoso no lar e equacionam-se alguns obstáculos que por vezes podem existir, aquando da institucionalização do idoso.

Introdução

O progresso tecnológico da Humanidade cria consequentes reajustamentos das estruturas sociais. No entanto, este pressuposto não significa a concomitância destas realidades, facto que despoletará crises sociais, tendendo estas a coincidir com a instalação de novas ordens e paradigmas e a dimensionarem-se em proporção directa com a discrepância entre o estado de coisas que as origina. A sedentarização, as revoluções agrícola e industrial são exemplos de como cada passo do progresso tecnológico gera metamorfoses na teia social de onde o núcleo familiar se destaca e se revela também mais susceptível.

A estrutura familiar, ainda encarada como base da organização social, é transformada por esta, sempre que cada avanço tecnológico desencadeia

um reajustamento social. Assim, temos as sociedades agrícolas pródigas em famílias numerosas. Nestas sociedades, cada filho é encarado como mão de obra acrescentada e cada avô como fonte de experiência e saber, sendo, portanto, ambos garantia da preservação e alargamento do património.

A sociedade actual encara os filhos como um sério encargo e os avós como um “peso”, ambos delapidadores do património familiar. Mas se em relação aos filhos a atitude é de expectativa, em relação aos avós é de “desvalorização”.

No primeiro caso, o investimento é possível e poderá mesmo significar mobilidade social, no sentido ascendente, desde que se confie a sua socialização a instituições vocacionadas para a integração e adaptação dos indivíduos à nova realidade; coisa que não acontece aos avós, cujo património cultural é desvalorizado tornando-os assim em “fardos” cada vez mais “pesados” e que,

* Enfermeira, Assistente do 2º triénio da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca.

na impossibilidade de os subtrair, são confiados a instituições vocacionadas para o agrupamento e sujeição.

Ora, se nesta fase do desenvolvimento humano, muitas das faculdades e apetências entram em progresso regressivo e os indivíduos ficam mais expostos e dependentes de factores alheios à sua vontade, despojá-los do seu mundo e entregá-los a uma instituição, não será com certeza o melhor meio de lhes proporcionar um ambiente da sua livre escolha, com a possibilidade de ser feliz.

Internado num lar de terceira idade, o indivíduo idoso fica sujeito a códigos e regras que muitas vezes nada lhe dizem, pois são completamente diferentes dos da sociedade em que cresceu e se desenvolveu. A sua própria identidade fica ameaçada pela ausência de referências físicas e afectivas. A reintegração automática em novas rotinas não quer dizer que esteja habilitado a outro quotidiano, a adaptação poderá nunca acontecer.

Indivíduo ser social

As características que distinguem os homens dos outros primatas não se desenvolveram acidentalmente. Desenvolveram-se sob pressão, sem contemplos de selecção natural, devido ao seu valor de sobrevivência. Estas características passam pela sua aptidão, aparentemente ilimitada, para desenvolver um tipo de pensamento complexo e abstracto, aptidão essa, que lhe permite um domínio quase total sobre o seu meio. A personalidade do homem tem uma complexidade e riqueza qualitativamente diferentes da dos outros animais. É o único animal que deliberadamente cria arte, que desenvolve sistemas éticos e morais, e que, por vezes, se comporta caridosamente para com os seus semelhantes ou com os outros animais. O que não obsta a que seja, também, o mais capaz de infligir o sofrimento e a morte à sua própria espécie. Em síntese, poderíamos dizer que é esta a Natureza Humana (REEVES, 1982).

Organizado socialmente, o homem teve assim de limitar alguns dos seus instintos, através de regras e códigos de conduta, sendo estes,

transmitidas a cada indivíduo desde o seu nascimento, por forma a embuí-lo de uma moralidade e ética vigentes no grupo onde se insere. Estas aquisições são normalmente feitas no seio da família, sendo aqui que geralmente se inicia a socialização⁽¹⁾ do indivíduo, o que visará a sua integração na sociedade, de acordo com os sistemas éticos e morais vigentes.

Factores condicionantes da socialização do idoso à institucionalização

A socialização dos indivíduos visa não só a integração no meio social onde se inserem, mas também a sua adaptação a outros meios sociais, sendo que, a segunda será tão mais conseguida quanto melhor se efectivar a primeira. Ou seja, quanto mais rico e mais diversificado for o capital cultural do indivíduo no meio familiar, melhor capacidade deterá de se adaptar às exigências exteriores, pois o capital adquirido na infância, permitir-lhe-á mais tarde extrapolar as experiências para outras aquisições vivenciais, por forma a efectivá-las correctamente (CORNATAN, 1979). Este processo será, portanto, mais eficaz quanto mais a cultura de origem se aproximar da cultura vigente, pois a utilização de códigos e regras comuns permitirá estabelecer a ponte entre as duas.

No entanto, quando os códigos da cultura de origem diferem dos da cultura vigente, a adaptação far-se-á dificilmente ou pode mesmo não acontecer. Esta dificuldade emergirá com o alargamento do universo social do indivíduo. Assim, uma criança cujo capital cultural transmitido pela família diverge da cultura a ser transmitida na escola desde cedo sentirá problemas de adaptação aos diversos papéis a desempenhar enquanto cidadão e pessoa. Quanto menor for o capital cultural, menor a sua capacidade de se realizar plenamente perante as diversas solicitações. A versatilidade dos seus papéis vê-se assim limitada pelo lapso de ferramentas para a construção de novos códigos e interiorização de

⁽¹⁾ Entendendo-se esta como transmissão de comportamentos e atitudes próprios de uma sociedade, que, segundo (BERGER, 1986), deve ser processo total e real.

regras, gerado pela ausência de uma correcta socialização, impedindo-o este facto de se emancipar dos modelos familiares.

A mudança é um elemento essencial à vida. Desde o nascimento à morte, a existência de cada um desenrola-se como um fluxo de situações e de acontecimentos, em que o sentimento de estabilidade e de identidade do ser humano está intimamente ligado às mudanças que nele se produzem: mudanças a nível orgânico, (infância, puberdade, envelhecimento), mudanças de situações, mudanças de opinião, mudanças de hábitos e muitas vezes de meio.

Todas as mudanças accionam mecanismos de adaptação, factor importante para desenvolver capacidade de auto-controlo.

A ideia de controlo define o sentimento de se conseguir exercer influência sobre os acontecimentos e de os orientar, pelo menos parcialmente, na direcção desejada (FISCHER, 1992). Muitos indivíduos experienciaram uma mudança em qualquer momento da sua vida e experimentaram um sentimento de controlo ou de impotência perante esse acontecimento. Dependendo essa adaptação de diferentes factores internos ou externos ao próprio indivíduo.

O indivíduo idoso, pelas características intrínsecas ao processo de envelhecimento, apresenta respostas diferentes das dos outros grupos etários aos fenómenos de adaptação. O mudar de uma casa ou mesmo de uma localidade pode não provocar grandes distúrbios ao jovem e este iniciar um novo círculo de amigos, integrar-se no emprego, constituir família. No idoso, estas modificações espaciais podem conduzir a graves alterações comportamentais, comprometendo a sua integridade física, psíquica e relacional (BERGER, 1995).

Na sociedade actual os papéis sociais esbatem-se, a função de cada um tende a centrar-se na obtenção da sua própria felicidade, isoladamente, prescindindo da construção de objectivos e realizações em grupo. A própria estrutura familiar foi contagiada por este fenómeno provocado pelo que poderemos denominar de “sociedade consumista”. Tudo à nossa volta apela ao consumo

e para consumir é necessário deter meios materiais que o permitam, o que por sua vez levará à competitividade na obtenção de melhores recursos económicos. Os códigos de conduta foram alterados, não se valoriza o indivíduo pelo seu papel social e o modo como o desempenha, mas sim pela capacidade de consumir. Assim, os idosos para além de desintegrados podem ser excluídos no actual processo social.

O idoso é simplesmente assimilado pela cultura emergente e descontextualizado do seu universo social.

(A – Factor condicionante – *descontextualização social*, o idoso é retirado da sua cultura de origem).

Esta realidade, como não poderia deixar de ser é mais flagrante no caso da colocação de idosos em instituições eufemisticamente denomina-das “Lares de 3ª idade”. Vejamos: como lar, pressupõe íntimo, restrito aos seus elementos que integram uma família, num determinado espaço físico e, como atrás vimos, compartilham códigos comuns, formando a sua própria cultura e estabelecendo relações sociais reguladas pela compensação afectiva, gerada nos vários papéis aí definidos. Será assim difícil que uma instituição destinada a abrigar idosos se aproxime, de alguma forma, do modelo de lar. Desde o tipo de fronteiras entre os espaços destinados à frequência diária, às regras de conduta a adoptar, tudo está pensado “ou não pensado” sob os auspícios da teoria da massificação. O indivíduo perde a sua identidade ao ser-lhe retirada a possibilidade de representação dos seus anteriores papéis, sendo-lhe atribuídos uns outros que, para além da óbvia ambiguidade, são completamente desarticulados com a sua própria concepção de vida.

Por tudo isto a adaptação do idoso à nova instituição reveste-se de alguma violência.

(B – Factor condicionante – *Papel social que detêm na sociedade é indefinido*, a autoridade e o estatuto diluem-se, conduzindo a dificuldade de orientação social).

Sejam quais forem as circunstâncias que originam a decisão de integrar o idoso num lar, esta significa sempre uma ruptura com o seu meio afectivo, social e arquitectural (MAZZOLA, 1996).

A este propósito, BUSSE (1992 :310) refere que *“geralmente é uma combinação de crescente debilidade do idoso e recursos financeiros e emocionais decrescentes dos membros da família que levanta a questão emocionalmente difícil de uma institucionalização a longo prazo. A perspectiva de qualquer troca, particularmente uma mudança familiar para um ambiente desconhecido, é geralmente experimentada pela pessoa idosa como uma ameaça à sua segurança”*.

(C – Factor condicionante – *diminuição de capacidades, físicas, psicológicas e sociais*).

O ingresso do idoso no novo mundo passa por diversas etapas, que poderemos sintetizar em três fases: *a da sedução, a da consciencialização e a do alheamento*.

Na primeira, este vê-se confrontado com a realidade de não corresponder às novas solicitações sociais, não só pelas limitações físicas inerentes à idade, como também pelas diferenças de cultura. Recorre então à sua capacidade de adaptação e tenta adoptar como seus os critérios de valor de um grupo de referência, por forma a nele se integrar. Este grupo de referência chega-lhe muitas vezes através de imagens de idosos sorridentes, realizados e “emoldurados” por bonitas e confortáveis instalações. Muda-se para o lar de idosos, mas não ainda de armas e bagagens, pois embora os horários nessas instituições primem pela rigidez, a visita ao seu lar de toda a vida ajuda-o a viver na ilusão de uma certa liberdade e autonomia, podendo ainda visitar parentes e amigos e passear pelas ruas de sempre.

A fase da consciencialização coincide normalmente com alguma perda de autonomia física. Impedido de sair à rua pelos seus próprios meios, é-lhe assim vedada a possibilidade de vivenciar situações compensatórias para a aridez das regras impostas pela instituição.

Os horários passam definitivamente a comandar as suas necessidades: tem fome às 9; tem sono às 22; precisa de banho às 7; de convívio às 15; de intimidade talvez a hora nenhuma.

Nesta fase contudo existe ainda no indivíduo alguma vontade de modificar os seus sentimentos por forma a integrar-se, cumpre rigorosamente,

comunica, tenta ser activo e interveniente, mas este percurso social faz-se porém de forma descontínua e com alguma incoerência.

Por fim, atinge a fase do alheamento, quanto a nós, a que melhor traduz o sofrimento do idoso, não só pelo facto de se encontrar desinserido do seu meio social e cultural, mas também pela desinserção familiar a que se vê votado. Nesta fase o idoso desinteressa-se de tudo e de todos, incluindo dele mesmo, vai deixando que a morte aconteça ...

O caso que a seguir se relata ilustra bem o que se acaba de referir:

“A Sr.^a A. de 78 anos deu entrada num lar de 3^a idade desta cidade, vinha acompanhada de um sobrinho neto que, como ela dizia, “ é a luz dos meus olhos”, vinha confiante e de livre vontade, pois como afirmou à entrada não queria ser estorvo para o sobrinho que “andava na faculdade”. Ficou acordado que o jovem viria visitar a tia duas vezes por semana e a levaria a almoçar ou lanchar conforme a disponibilidade. A Sr.^a A. era afável, gostava de participar nas actividades diárias, colaborando na cozinha e copa, falava da sua vida e era prestável para as colegas de quarto, sendo muitas vezes ela que conseguia gerir conflitos.

Ao fim de cerca de 7 meses, o sobrinho já não a visita tão regularmente, acabando por não aparecer. A Sr.^a A. entra num processo descendente, torna-se apática, não interventora, deixa de se preocupar com a sua aparência, referindo muitas vezes: *“já não faço falta, já cá não ando a fazer nada”*, entrando num estado depressivo grave com declínio acentuado e acabando por falecer alguns meses depois.”

Verifica-se aqui que a falta de estímulo, no exemplo relacionado com a vivência familiar, conduziu rapidamente a uma perda de auto estima e levando o idoso a maior parte das vezes para um caminho sem retorno.

Notas finais

Algumas das reflexões feitas ao longo do trabalho a propósito dos factores condicionantes da

sociabilização do idoso, levantam o problema da terceira idade de uma forma global e o problema do idoso numa instituição, de uma forma mais circunscrita.

Embora o processo de envelhecimento não esteja necessariamente ligado à ideia de perigo social, não há dúvida de que, quando o apreciamos inserido na sociedade em que se manifesta, ele acarreta inúmeras desvantagens. No dizer de SALDANHA (1997 :4), “*envelhecer é muito mais perigoso do que parece, pela simples razão de que a sociedade não se preparou para o efeito*”.

A explicação para tal não pode, assim, cingir-se ao aumento do número dos indivíduos com 65 anos e mais, mas naquilo que essa evolução representa na nossa sociedade, onde o conteúdo e o modo como se identifica a velhice não se compadecem com a existência de um crescente número de indivíduos nesta fase da vida, existindo uma falta de coerência entre a base morfológica da sociedade e a forma como esta se encontra organizada.

Pese embora a carga negativa que lhe está associada, o ingresso num lar de apoio a idosos, para muitos, é a única possibilidade de manter alguma qualidade de vida.

Viver numa instituição pode ser a ocasião de encontrar o corpo, mesmo doente, de existir com as suas queixas, os seus desejos; mas é também repousar, fazer uma paragem, para melhor enfrentar a última etapa da vida. É esperar ter uma “morte doce”, com um acompanhamento de qualidade.

Assim, será restabelecido o equilíbrio, permitindo ao idoso situar-se num novo universo, e aí criar condições para um relacionamento com tudo o que o rodeia.

As instituições deverão criar estruturas que facilitem a integração e estadia do idoso, por forma a este manter e desenvolver as suas capacidades na sua vida quotidiana e na relação com os outros.

Bibliografia

BERGER, M. Louise; POIRIÉ, Danielle Mailloux – *Pessoas idosas – uma abordagem global*. Lisboa: Lusodidática, 1995.

BERGER, Peter – *Perspectivas sociológicas – uma visão humanística*, 7ª edição, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1986.

BUSSE, E. W. – Alterações preceptivas com o envelhecimento. *Psiquiatria geriátrica*. Portalegre: Artes Médicas, 1992. p. 310

CORNATAN, Michel – *Grupos e sociedade*. Lisboa: Editorial Vega, 1979.

DOMINGOS, Ana Maria *et al.* – *A teoria de Bernstein em sociologia da educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

FISCHER, Gustave Nicolas – *A dinâmica social*. Lisboa: Planeta Editora, 1992.

MAZZOLA, Danielle – L'entré en institution. *Soins de Gerontologie*. Paris, Nº 3 (Junho, 1996). pp. 34-36

MILLS, C. Wright – The sociological imagination and the promise of sociology. In Anthony Giddens – *Sociology: Introductory Readings*. Oxford: Polity Press, 1997. pp. 9-12

REEVES, Hubert – *A hora do deslumbramento*. Lisboa: Gradiva, 1982.

SALDANHA, Maria Helena de Oliveira – Não se criou uma sociologia do envelhecimento. *Revista Tempo Medicina*, Coimbra, Novembro, 1997. pp. 4-5

